

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Entrevistador

Eduardo Müller Farias

Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.
Doutorando em História na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.
Brasil

edumullerf@gmail.com

orcid.org/0000-0002-8704-5492

DOI: 10.5965/1984724623512022331

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623512022331>

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

No Brasil, as organizações criminosas constituem uma ameaça à ordem estatal, sendo historicamente um problema de segurança pública nacional, relacionado diretamente com o sistema penitenciário, o qual se desenvolveu como local de origem e gestão desses grupos. Na área das Ciências Humanas, ainda são escassas as pesquisas acerca do crime organizado no campo da História, sendo as produções científicas mais avançadas provenientes dos estudos sociológicos. Portanto, o objetivo desta entrevista com Fernando Afonso Salla, do Núcleo de Estudos da Violência (USP), é pensar a interlocução entre a História e as pesquisas sobre o crime organizado, os espaços que podem ser preenchidos para agregar novas problematizações e os principais caminhos para realizar tais possibilidades. A entrevista foi realizada em 11/10/2021.

Apresentação do autor e sua carreira acadêmica

Fernando Afonso Salla possui graduação em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1975), mestrado (1991) e doutorado (1997) em Sociologia pela Universidade de São Paulo; seguiu por quase dois anos o curso de História na USP, mas por razões familiares interrompeu o curso. É pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP há pouco mais de vinte anos, onde sempre se dedicou aos estudos sobre a violência, sistema prisional, direitos humanos, adolescentes em conflito com a lei e políticas de segurança pública. Entre suas principais obras publicadas está o livro *As prisões em São Paulo* (1999), um trabalho sócio-histórico que preenche uma significativa lacuna na produção científica sobre prisões e sociedades carcerárias no Brasil.

Entrevista

Entrevistador: Como chegou aos primeiros estudos sobre o crime organizado?

Fernando Afonso Salla: Uma coisa a ser dita logo de início é que, no Brasil, falar de CO é falar de grupos que se formaram nas prisões, ou grupos que se dedicam ao tráfico de drogas no varejo nas periferias; essa é uma perspectiva bastante limitada e se deve em parte aos rótulos que são criados pela mídia ou mesmo por alguns operadores do sistema

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

de justiça e que acabam sendo incorporados na reflexão acadêmica nem sempre a partir de uma abordagem crítica.

Observo que no debate internacional, o CO recebe uma abordagem mais ampla e sofisticada na qual se incluem as interfaces das atividades ilegais com as legais, as redes de articulação dos grupos criminosos com a esfera política; os mecanismos sofisticados de lavagem de dinheiro no circuito financeiro internacional, as chamadas máfias que operam no chamado crime transnacional.

Tudo isso para dizer que, de partida, no Brasil, quando se fala de CO a referência é a periferia, a prisão, o tráfico de drogas, ou por assim dizer submundo da criminalidade. E quase que se desconsideram outras dimensões das formas organizadas de crime, como as do chamado colarinho branco, os crimes na esfera empresarial, o tráfico de drogas no atacado envolvendo as elites e, mais recentemente, mas de suma importância, o fenômeno das milícias que apresentam como traço importantíssimo serem compostas por agentes públicos (policiais, agentes penitenciários, membros das forças armadas) articulados com criminosos comuns no domínio sobre territórios no Rio de Janeiro.

Foi, portanto, por conta desse viés, de certo modo midiático, que fui levado a incorporar essa temática nas minhas pesquisas, uma vez que meus principais objetos de estudo desde o mestrado e o doutorado gravitaram em torno da prisão. As ações do PCC (Primeiro Comando da Capital) ao longo dos anos 1990, mas sobretudo a partir da chamada megarrebelião em 2001, colocaram os holofotes e preocupações das autoridades sobre esse fenômeno. E no começo dos anos 2000, no Rio de Janeiro, o Comando Vermelho também promovia ações espetaculares no meio urbano.

Um pouco do papel da Universidade é dar respostas a essas emergências e isso impeliu muitos pesquisadores a tratarem do assunto como era apresentado pela mídia e pelo sistema de justiça. Hoje, acredito que o tratamento dado nos diversos campos das ciências humanas seja muito mais criterioso, contribuindo para que o debate público e acadêmico seja tratado de forma bem mais qualificada.

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

Assim, da minha parte, tenho procurado submeter à crítica o modo um tanto enviesado de tratar o chamado CO no Brasil, ampliando o escopo de sua abordagem, sobretudo em consideração ao debate internacional.

Entrevistador: Quais são os maiores desafios de se trabalhar com a temática do crime organizado? Quais os riscos para o pesquisador?

Fernando Afonso Salla: Podemos dividir em vários níveis tais dificuldades; a primeira delas é quanto ao reconhecimento do próprio objeto a ser estudado dada a sua complexidade (formas variadas de organização, incontáveis áreas ou atividades desenvolvidas por tais grupos, formas de exercício de poder interno e externo, domínio territorial, infiltração no sistema político etc.); ou seja, é necessário delimitar claramente o objeto de estudo, pois há o risco de confundir grupos efêmeros (como bandos e quadrilhas) com facções organizadas, milícias que contam com agentes públicos e poder armado, grupos de traficantes, com formas mais estruturadas de criminalidade como as máfias italianas, russas, chinesas e assim por diante.

O segundo nível vem desta delimitação prévia e organização da literatura de interesse em que se tem a moldura básica das orientações teóricas e metodológicas e as fontes possíveis de pesquisa. Terceiro nível é mesmo o “como” fazer, como acessar documentos, instituições, personagens, territórios, práticas sociais; os desafios são desde o sigilo de uma documentação de interesse (judiciária ou policial, correspondência de membros de uma organização criminosa que não circula fora dela), até o não pertencimento do pesquisador aos territórios ou aos grupos (uma vez que, em geral, ele não é um nativo).

Os riscos no trabalho de pesquisa existem em muitos campos, mas nessa temática das dinâmicas de grupos criminosos organizados, dos mercados ilegais, das instituições de controle social, como a polícia e a prisão, talvez sejam mais fortes e demandem cautela redobrada por parte dos pesquisadores. Os riscos podem ser de natureza física, mas também psicológica se o trabalho demanda a presença nos locais onde atuam os grupos, se é preciso fazer entrevistas ou obter informações da observação direta dos cenários,

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

situações e personagens. Mas, em se tratando de pesquisa documental, os riscos são mínimos. De todo modo, o importante é que o pesquisador saiba caminhar dentro das possibilidades efetivas de obtenção de informações sem se expor a riscos físicos, tensões e desgastes psicológicos que dificultariam a continuidade dos trabalhos.

Entrevistador: Quais são os limites éticos para pensar esse tema?

Fernando Afonso Salla: Acho que, para pensar o tema não, há talvez nenhum limite ético. Mas o problema é de fazer uma pesquisa, por assim dizer, direta. Aí sim se torna uma questão bastante delicada e sempre atravessada de polêmica. Sabemos que muitos estudos nessa área envolvem os pesquisadores diretamente em situações de convivência com pessoas fora da lei, pessoas que podem estar praticando ilegalidades, pesquisadores que acabam sabendo de ocorrências ilegais. Sejam quais forem as situações e cenários, por assim dizer problemáticos, é necessário considerar que o pesquisador não é policial, não é juiz; em geral, sua pesquisa só se torna possível a partir de um acordo que é feito com os sujeitos do território ou das atividades ilícitas, uma certa negociação em que se dá a aceitação da presença de um pesquisador coletando informações, observando os fatos, mas ao mesmo tempo, se espera que o pesquisador não faça as vezes de um policial.

Entrevistador: Você enxerga possibilidade do campo científico da História avançar e contribuir nas pesquisas acerca das organizações criminais?

Fernando Afonso Salla: O campo de pesquisa sobre esse tema para a História é bastante promissor. Permite uma estreita interlocução com outras áreas de conhecimento, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Como esse é ainda um campo de pesquisa pouco desenvolvido no âmbito das ciências humanas, a presença da História contribuiria muito com as análises sobre o tema, com o cuidado na identificação e uso de fontes, com as potencialidades de estudos em perspectiva comparada.

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

Entrevistador: Como são os processos para identificar as estruturas, lógicas de experiências e táticas desses grupos? Quais são modernas, atuais, e quais estão permanentes há mais tempo?

Fernando Afonso Salla: O processo de identificação de estruturas, lógicas de experiências e táticas desses grupos é algo bastante complicado. Nós temos um bom conhecimento dessas questões apenas por meio das evidências do fato em si, mas não possuímos acesso aos trâmites dos seus bastidores pois a aproximação com essas organizações é limitadíssima. Portanto, entre as fontes possíveis estão processos criminais frutos de investigações policiais, ainda que a permissão de utilização desses documentos seja difícil. Além disso, esses grupos são muito dinâmicos; não é possível dizer que o Comando Vermelho que surgiu no passado é a mesma facção atualmente, apesar de possuir o mesmo nome. Alguns grupos como o Primeiro Comando da Capital, em São Paulo, gostam de produzir documentos em forma de estatuto, cartilhas, avisos, algo que facilita certo entendimento a que o pesquisador precisa estar atento; no entanto, o conteúdo deve ser muito bem problematizado. Nesse sentido, a questão do que é moderno, atual, é muito complexa, então para compreender esse fenômeno no Brasil não se pode perder de vista um diálogo e reflexão que envolva literatura internacional.

O surgimento dessas organizações no nosso país é bastante peculiar, muito relacionado às prisões e ao tráfico de varejo. Mas em outros lugares ele tem uma outra configuração. Essas comparações permitem compreender melhor o fenômeno no Brasil. O que é novo e o que é antigo, por conta da dinâmica dessas organizações ilegais – que não possuem uma visibilidade, são reprimidas do ponto de vista legal –, tudo isso dificulta a compreensão da sua dinâmica, dos motivos dessas dinâmicas e da sua fluidez. Todas as organizações, desde o período em que nasceram até agora, foram se alterando. Se a máfia era hierárquica no começo do século XX, hoje se diz que ela opera em rede, portanto é outra estrutura. Se antes existia um líder para exercer o controle do grupo, agora se fala que existem famílias que participam de uma comissão para tomar decisões. Ou seja, são outras configurações organizacionais difícilíssimas de serem identificadas e acompanhadas, pois elas são bastante ágeis no ponto de vista das suas mudanças.

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

Entrevistador: Qual a melhor maneira de mesclar fontes oficiais, produzidas por órgãos estatais e midiáticos, com as fontes orais das entrevistas?

Fernando Afonso Salla: Não pode ser uma regra tirânica, mas o ideal é que no trabalho acadêmico nas ciências humanas sejam sempre combinadas fontes diversas. O que implica trabalhar com métodos por vezes diversos para se construir um bom trabalho acadêmico e contribuir de modo substantivo para as análises em torno de um determinado tema. Abordar o chamado crime organizado, neste sentido, coloca muitos desafios e limitações. Por exemplo, o uso de métodos quantitativos para mensuração de fluxos ilegais é sempre difícil; observação participante pode ser muito restrita assim como a realização de entrevistas; fontes oficiais são produzidas com finalidades que devem ser cuidadosamente consideradas pelo pesquisador. Igualmente cautelosa, a meu ver, deve ser a utilização das informações que circulam pela mídia. Exceto os trabalhos sistemáticos e cuidadosos de alguns jornalistas, a interrogação do pesquisador que estuda crime organizado, mercados ilegais, criminalidade, deve ir de encontro da fonte de uma informação que circula num jornal, numa revista, num site. Quem forneceu ao jornalista a informação? O policial, um operador do sistema de justiça (promotor público, defensor público, juiz), um morador, uma testemunha? Como e por que um pesquisador poderia se fiar naquela informação? Na mídia, em geral, essas questões não são decisivas, mas no trabalho acadêmico sim. Não se pode construir uma reflexão, uma análise a partir de fontes e de informações questionáveis, pouco consistentes.

Entrevistador: Quais são os principais meios de se analisar o processo de formação de uma organização criminal e as relações de poder que estão presentes?

Fernando Afonso Salla: É A emergência de uma organização depende essencialmente do contexto social – pode ser o meio empresarial, o meio prisional, a periferia urbana, as áreas rurais, a dissolução de um regime autoritário etc. Para não confundir CO com um bando, uma quadrilha que tem vida efêmera, é importante considerar: longa duração da existência de uma organização como tal; manutenção de alguma identidade que permite a ela sobreviver no tempo ainda que com alterações (pode-se apelar para o

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

pertencimento a uma mesma localidade, etnia, clã familiar, lócus como a vida prisional; nacionalidade etc.); estrutura organizacional (hierarquia, relações de poder, formas de recrutamento, lealdade; atividades desenvolvidas; domínio sobre territórios) e condições sistêmicas de sua existência, relações que a organização mantém com o contexto social, com a esfera política, por exemplo, o que em geral os grupos brasileiros não possuem de modo significativo.

Entrevistador: Partindo das ideias propostas por Foucault, principalmente entre as questões sobre relações de poder e espaços heterotópicos, é possível produzir uma análise aprofundada das dinâmicas existentes em unidades prisionais que são controladas pelo crime organizado?

Fernando Afonso Salla: Uma das principais contribuições do pensamento de Foucault foi ter feito uma análise profunda dos mecanismos disciplinares presentes nos ambientes prisionais. É fundamental conhecer as suas análises não apenas presentes em *Vigiar e Punir*, mas também nas suas diversas entrevistas publicadas em *Ditos e Escritos* (volumes IV e VIII da edição brasileira). Muitas delas derivaram de sua militância política no início dos anos 1970 no GIP – Groupe d’Information sur les Prisons. Embora Foucault seja uma inspiração fundamental para todos os que estudam crime, punição e prisão, há ainda muitos autores que são fundamentais para a compreensão das dinâmicas internas dos ambientes prisionais, desde os clássicos Erving Goffman, Gresham Sykes, Donald Clemmer até autores mais recentes como Giles Chantraine, Didier Fassin, Bert Useem e Peter Kimball, ou ainda Roy King e Richard Sparks.

Em suma, o pensamento de Michel Foucault é uma referência incontornável para quem estuda a prisão, mas acredito que é preciso agregar outras abordagens que permitam analisar aspectos que se mostram mais salientes no mundo contemporâneo (como as supermax, as gangues e facções no interior das prisões, as novas formas de sobrevivência da prisão no mundo contemporâneo etc.) e que não chegaram a se constituir foco de interesse para Foucault enquanto viveu.

O crime organizado como objeto de pesquisa na História: entrevista com Fernando Afonso Salla – (NEV/USP)

Eduardo Müller Farias

Entrevistador: Quais os principais autores de referência para os estudos acerca do crime organizado?

Fernando Afonso Salla: É incontornável que se olhe para a produção acadêmica internacional sobre o tema do CO, não para que copiemos as suas abordagens, apliquemos os seus conceitos, mas como fontes de inspiração e referência para estabelecer um diálogo com essa ampla e bastante consolidada literatura. Alguns nomes são fundamentais como Letizia Paoli, Karl Lampe, Edward Kleemans, Rocco Sciarrone, Enzo Ciconte. No campo dos trabalhos históricos, temos os trabalhos primorosos de Salvatore Lupo entre muitos autores.

O tema é relativamente novo no meio acadêmico brasileiro. E talvez seja prudente distribuir os autores de acordo com sua afinidade de formação e produção acadêmica. São muitos os autores que estudam as prisões que, de uma forma ou de outra, contribuem para conhecer o tema. Além disso, os mercados ilegais, sobretudo o tráfico de drogas, também têm sido objeto de muitos estudos. A maior parte dos trabalhos está concentrada na sociologia e na antropologia. Temos os trabalhos de Michel Misse, Sérgio Adorno, Camila Nunes Dias, Guaracy Mingardi, Karina Biondi, entre muitos outros. Pensando muito no mercado ilegal das drogas, presença nas periferias, temos Alba Zaluar, Vera Telles, Daniel Hirata, Gabriel Feltran.

No campo da historiografia essa temática ainda não teve uma produção mais sistemática, talvez pela emergência do tema no país apenas nas últimas décadas. É um novo desafio para a chamada história do presente. De todo modo, o tema do crime em geral vem sendo tratado por autores importantes como Marcos Bretas, Bóris Fausto, Maria Helena Machado entre outros.

Recebido em: 10/12/2021

Aprovado em: 14/03/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 23 - Número 51 - Ano 2022

revistapercursos.faed@udesc.br